

Quando fui convidado, ha alguns anos, a escrever o pequeno volume intitulado "Uma pequena História da Inglaterra", sabia perfeitamente existir uma certa ousadia em aceitar a incumbência; todavia realmente o título é mais ousado que o livro. Eu tencionava chama-lo "Um esboço da História da Inglaterra" ainda que eu haja pensado que nem o título nem o livro fossem materia digna de seria discussão. Porem, o trabalho como eu o concebi não ocultou nenhuma ostentação de falsa erudição. O lado ignorado da História da Inglaterra não consiste das coisas insignificantes que os sabios ocultam, mas sim das coisas importantes que os sabios frequentemente ignoram. A maior parte destas coisas pode ser aprendida não somente sem nenhum prodigio de erudição, porem praticamente sem nenhum livro. Pode ser aprendida das coisas grandes e que saltam aos olhos, como o tamanho das igrejas góticas ou o estilo das casas de campo. Não é necessário nenhuma erudição profunda para saber que um fazendeiro não é um abade, (1) comquanto sua casa seja chamada uma abadia. Nenhuma lógica complicada para deduzir que um logar chamado comum era terra comum. A divergência não está nos fatos mesmos mas sim na importância dos mesmos; e isto deve ser relegado a uma crítica geral da opinião geral. Em minha primeira introdução eu renuncio qualquer erudição histórica especial, e não seria nenhuma surpresa se eu caísse em alguns êrros especialmente históricos. Porem tenho descoberto é curioso notar que a maior parte dos êrros não são concernentes às coisas que eu ignorava, mas sim com as coisas que eu sabia. Um interessante ensaio psicológico poderia ser escrito a respeito

---

(1) Muitas casas dos fazendeiros chamam-se abadias pois foram confiscadas à Igreja.

dêsses êrros; os êrros que se cometem a despeito do conhecimento. Por exemplo, eu descobro que me referi ao rei João como sendo o segundo filho de Henrique de Anjou. É impossível a alguém versado em histórias para crianças e suas anedotas sôbre os Reis, que não saiba perfeitamente bem que Henrique I tinha mais filhos com que quebrar a cabeça, e que João era precisamente o mais novo.

Todos conhecem a história tão amarga de seu pai diante da deserção daquêle malgrado Benjamim. Acho porém que o contexto mostrará que eu não lhe estava enumerando os filhos e sim reis; eu estava querendo dizer que êle era o segundo filho na brecha para sucessor. Ha outros êrros igualmente faceis de cometer e de corrigir. Na página 129, a "viuva de Henrique V" devia ser "a viuva de Henrique VI" ou melhor "esposa de Henrique VI". Mas eu pensava vagamente nela como sendo viuva, ou pelo menos uma mulher "de luto", só, abandonada com o filhinho, pois minha memória pairava naquêle momento na velha história de sua aventura solitária com o pequeno príncipe. Eu achei um êrro de imprensa na anedota Benedictina: obviamente devia ser "Franciscere" ou "Franciscet", si vale a pena conjugar um verbo que não existe na boca de um homem que fala um latim vagabundo. Ha provavelmente muitos êrros que não são de imprensa. Disseram-me que eu atribui uma observação sôbre o sol, à Sir Thomas Moore, que na verdade fôra feita por um de seus companheiros da mesma escola de martires; e isto é possível, porquanto lembro-me de ter lido todas as histórias na mesma coleção de anedotas martirologicas. São estes os mais duvidosos detalhes os quaes chamaram a atenção; peço desculpas, porém êles são menos do que eu receiava.

Eu digo que peço desculpas por detalhes como estes, porque eu não vou pedir desculpas à respeito da tése ou do plano gerais. Tu-

do que desde então tenho aprendido, especialmente com pessoas mais versadas, tem-me levado ao ponto de pensar que eu estava mais certo do que pensava estar. Tal história de simples amador deve ser um tanto parecida com adivinhação; mas eu tremo quasi retrospectivamente deante de minha felicidade de ter tantas vezes adivinhado certo. Eu podia agora dar muito mais provas do que eu possuía então, sôbre as proposições gerais; de que a Inglaterra medieval possuía muitos ideais democraticos; de que ela podia ter mudado e até estava mudando então para um progresso realmente mais democratico; de que ela foi entravada pela oligarquia que ficou forte demais sob a autoridade de reis caprichosos de mais; que foi a oligarquia que triunfou nos séculos XVI e XVII, esmagando os últimos elementos populares nas universidades, nas corporações, na lei e na posse das terras; e que a aristocracia está agora mudando para uma plutocracia sem ter dado ao povo um aspecto da visão popular sem a qual êle perece.

Não somente fiquei mais e mais convencido da verdade deste conceito, como também vivi para ver o mundo se tornar cada vez mais disposto a considera-lo. Quando este livro foi escrito, por exemplo, toda a gente que considerou Bernard Shaw como modernista supremo, considerava-me uma espécie de antiquario lunatico por ser eu medievalista. Comtudo, limitei-me apenas a elogiar o melhor do medievalismo, especialmente a aurora do medievalismo; admití com convicção que em seu último crepúsculo muitos mónstros havia; e principalmente apontei o perverso zelo dos sacerdotes que perseguiram Joana d'Arc. Estou vivendo para ver B. Shaw o modernista concluir o processo para Chesterton o Medievalista. Estou vivendo para vê-lo provar que existe algo a ser dito a favor até mesmo dos mónstros do medievalismo. Quando eu defendia a

gloria do medievalismo, êle defendia até mesmo a queda dêle, e a defesa foi triunfal. Pois êle defendeu-a na base fundamental; o fato que todo o mundo deve compreender antes de tornar-se digno de discutir o assunto; o fato que a visão da cristiandade da Idade Media foi algo de muito maior que nossos imperios e raças e capitais empregados; é que quando os nossos melhores homens podem só morrer gloriosamente pela bandeira da pátria, os homens da Idade Media podiam cometer seus crimes pela Cruz.